



TODOS OS SÁBADOS, DEZENAS DE PESSOAS SÃO ATRAÍDAS AO PARQUE PELO MOLEJO E PELA BATIDA DAS MENINAS DO BATALÁ

# O PONTO DE ENCONTRO DE todas as tribos

AS TURMAS DO FUTEVÔLEI, DA BATUCADA, DA BIKE E DA PATINAÇÃO DIVIDEM, DEMOCRATICAMENTE, O PARQUE DA CIDADE — UMA DAS PRAIAS DE BRASÍLIA

ROBERTA PINHEIRO

Sábado de manhã, a janela revela o sol brilhante e um clima agradável. Diante do cenário, cariocas, baianos e capixabas não pensariam duas vezes antes de aarrumar o guarda-sol e ir à praia. Os brasilienses, infelizmente, não têm mar. “Juscelino Kubitschek só esqueceu a praia”, é um comentário comum entre candangos. Mas, para quem tem criatividade, tal ausência não chega a ser um problema. Na beira do Lago Paranoá ou mesmo no Parque da Cidade, a população da capital estende a canga, coloca os pés na areia para jogar futevôlei, vôlei, correr, caminhar ou passear com as crianças.

“O parque é a minha praia”, resume o técnico e professor de futevôlei Edivan Souza, 48 anos, mais conhecido como Tchê. “Todas as tribos estão aqui. Gosto do verde e do céu de Brasília. Adotei a capital como minha cidade.” Tchê nasceu no Rio de Janeiro e veio para Brasília aos 18 anos. Ele armou a primeira rede do esporte no Parque da Cidade na década de 1990, quando a quadra de areia nem existia. Hoje, são vários espaços e diferentes modalidades esportivas e de lazer. Só na turma do futevôlei, Tchê estima que mais de 80 pessoas trocam passes por ali. Para marcar território, denominaram o grupo e o local como “Ilha do futevôlei”.

Depois do primeiro chute, membros inferiores, cabeça, ombros, peito e costas dançam para fazer a jogada perfeita. Como todo esporte, entre os amigos da Ilha do futevôlei não poderia faltar a competição. Quem perde um ponto recebe bronca e tem que encarar o olhar de censura do técnico. Mas, em seguida, vêm a brincadeira, a amizade e a diversão.

A turma dessa praia de Brasília é eclética. Na lista, tem policial, servidor público, advogado, fisioterapeuta e médico. Homens e mulheres. Boa parte trabalha próximo ao Parque e encaixa o treino nos intervalos do batente. Quem conta os detalhes é a porta-voz do grupo e a campeã mundial Lana Miranda, 33 anos. “Aqui, somos uma família.” Eles marcam churrascos, trazem comida para um



LANA MIRANDA É UMA ESPÉCIE DE PORTA-VOZ DA GALERA DO FUTEVÔLEI: “SOU OITO VEZES CAMPEÃ DE UM ESPORTE DE PRAIA E BRASÍLIA NÃO TEM PRAIA”



A ÁREA VERDE NO CENTRO DA CIDADE É UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO E REÚNE BRASILIENSES DE TODAS AS IDADES

## FICHA TÉCNICA

### O QUE É

Pessoal do futevôlei e do grupo de percussão Batalá

### ONDE

Parque da Cidade

### QUANTOS

80 pessoas no futevôlei e 90 no Batalá

### QUEM VAI

No futevôlei, atletas e fãs do esporte. O Batalá é formado só por mulheres

### HÁ QUANTO TEMPO

Futevôlei: desde a década de 1990.

Batalá: Desde 2003

café da manhã reforçado com o pessoal que pratica vôlei e estão sempre conversando por meio das redes sociais.

A atleta é natural de Brasília e morou grande parte da infância na 207 Sul. “Fui criada embaixo do bloco”, conta. Afirma que não troca a cidade, mesmo já tendo viajado muito e contado com uma parceira de dupla que mora no Rio de Janeiro. “Sinto em Brasília uma tranquilidade, tanto do clima favorável à prática do meu esporte quanto dos brasilienses.” E, apesar de não ter praia ou mar, os integrantes do futevôlei criaram uma nova potencialidade para a capital do país. “Sou oito vezes campeã de um esporte de praia e Brasília não tem praia. Mas, aqui, a areia é uma das melhores, o clima é de praia e temos

sol o ano todo”, diz Lana. Além disso, todos os jogadores destacam o verde que rodeia o parque como um elemento a mais de encanto.

## MUSICALIDADE E DIVERSÃO

O Parque da Cidade é o mais extenso parque urbano da América Latina. Além das quadras, tem lagos artificiais, parque de diversões, centro hípico e pistas de caminhada, patinação e ciclismo. Como a cidade também é a capital do rock, não poderia faltar nesse amplo espaço de lazer muita música. Primeiro, ele ganhou fama com a canção *Eduardo e Mônica*, da brasiliense Legião Urbana. No ano passado, foi o local escolhido pelo ex-beatles Paul McCartney para um passeio de bicicleta. E, desde 2003, quem frequenta o Parque aos sábados ouve um balanço de percussão.

As mulheres do Batalá comandam tambores, bongôs e surdos e embalam o movimento do samba-reggae. O grupo é uma ideia de um baiano, Giba Gonçalves. Começou na França e, em 2002, chegou a Brasília na direção musical do professor Paulo

Garcia, 36 anos. A capital era uma cidade sem tradição no ritmo, mas aberta às múltiplas possibilidades. Inicialmente, o ensaio era no gramado próximo à Funarte, mas, por conta da visibilidade do parque, passaram a ocupar a área. “Brasília tem uma cabeça mais aberta. É diferente dos outros lugares. O brasiliense se reinventa para criar sua identidade cultural. É autêntico”, comenta Paulo.

Ao todo, são cerca de 90 integrantes. Ao redor, dezenas de câmeras e olhares curiosos. “Tenho vontade de participar, pela turma em si. É uma equipe grande e animada. Podemos fazer novas amizades”, afirma a secretária Dilma Vallu, 45, que assistia a tudo de camarote. Acompanhadas dos filhos, que aproveitam para brincar, as mulheres dessa turma não perdem uma nota. O som do samba-reggae conquistou a aposentada Alexandra Tereza Frota, 56. Ela conheceu a turma por indicação de uma amiga e, ao ver um ensaio no Parque da Cidade, ficou apaixonada. “Mudou tudo na minha vida. Eu me tornei mais aberta e me deu mais estrutura. Tudo de ruim vai para o tambor. Saio daqui mais leve.”